



## **Feira orgânica e da agricultura familiar de Criciúma, Santa Catarina: processo de construção, consolidação e sua contribuição para o fortalecimento da agroecologia na região**

*Organic and family agriculture fair of Criciúma, Santa Catarina: the construction process, consolidation and its contribution to the strengthening of agroecology in the region*

PERUCCHI, Loyvana Carolina<sup>1</sup>; NASCIMENTO, Élcio Costa<sup>2</sup>; PERDONÁ, Loiva<sup>3</sup>; ZIEMER, Ary<sup>4</sup>; CAMARGO, Lidiane<sup>5</sup>; SCHREINER, Camila Traesel<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio Grande do Sul/ Núcleo Serramar Rede Ecovida, loyvanac@hotmail.com; <sup>2</sup>Universidade Federal do Rio Grande do Sul, elcioncosta@gmail.com; <sup>3</sup>Núcleo Serramar Rede Ecovida, frutonovo@hotmail.com; <sup>4</sup>Núcleo Serramar Rede Ecovida, aryziemer@hotmail.com; <sup>5</sup>EPAGRI, lidianecamargo@epagri.sc.gov.br; <sup>2</sup>Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, camila.schreiner@hotmail.com;

### **Eixo Temático: Economias dos sistemas agroalimentares de base agroecológica**

**Resumo:** A Feira Orgânica e da Agricultura Familiar de Criciúma é um espaço idealizado pelo Núcleo Serramar/SC da Rede Ecovida de Agroecologia, que foi implantada através da parceria entre agricultores e técnicos que compõem o Núcleo e instituições governamentais. No início, a organização da feira acontecia com auxílio dos técnicos e instituições, porém, ao longo dos 2 anos de sua existência, os agricultores passaram a conduzir a feira de forma autônoma e compartilhada entre si, utilizando-se de estratégias para regular esse espaço de uso comum. Sua consolidação vem sendo feita através das relações de reciprocidade entre os agricultores, e entre esses com os consumidores, os quais mobilizam esse canal de comercialização em cadeia curta contribuindo no fomento à agroecologia na região.

**Palavras-chave:** cadeias curtas de comercialização; reciprocidade; relações sociais; autonomia.

**Keywords:** market short chains; reciprocity; social relationships; autonomy

### **Contexto**

Diante da problemática atual do sistema agroalimentar convencional, baseado em um modelo que gera inúmeros impactos sociais, ambientais, culturais e econômicos, faz-se importante construir alternativas de produção e consumo que sejam sustentáveis. A produção de alimentos através dos princípios da agroecologia e a comercialização desses produtos por circuitos e cadeias curtas de comercialização fomenta a construção de sistemas agroalimentares de base agroecológica, que se mostram como sendo social, ambiental e economicamente justos e viáveis à toda a sociedade. Nesse contexto, esse relato se propõe a abordar a experiência de construção e consolidação de uma feira de agricultores familiares que fazem parte da Rede Ecovida de Agroecologia no sul de Santa Catarina, demonstrando a relevância desse canal de comercialização na promoção da agroecologia na região.



A Rede Ecovida de Agroecologia é uma articulação entre grupos e associações de agricultores agroecológicos, ONG's, grupos de assessoria, cooperativas de consumidores, pequenas unidades de transformação e comercialização de produtos ecológicos presente nos três estados do sul através de núcleos. Com o Núcleo Serramar da Rede Ecovida consolidado na região, passou-se a discutir comercialização, posto que individualmente cada família atendia mercados locais, mas devido ao baixo portfólio de produtos que cada família oferecia, inviabilizava algumas opções. Uma solução encontrada foi unir-se a algumas cooperativas para atender a demanda do PNAE (alimentação escolar). Este já foi um grande passo, mas ainda havia produtos sobressalentes nas propriedades. A Rede foi amadurecendo, ficando mais forte e surgiu a ideia da feira (como será melhor explicado adiante), para comercialização conjunta. Como Criciúma é um município com mais de 220 mil habitantes e que não possuía nenhuma feira agroecológica, a ideia de comercializar na praça central do município pareceu bastante viável.

Nesse sentido, a construção de um espaço exclusivo da agricultura familiar, com produtos orgânicos, passou a ser um importante local para ampliação da produção e do consumo desses alimentos, contribuindo na promoção da agroecologia na região.

### **Descrição da Experiência**

O processo de implantação da feira teve início com diálogos feitos durante o 10º Encontro Ampliado da Rede Ecovida de Agroecologia, ocorrido em abril de 2017. Agricultores e profissionais que fazem parte do Núcleo Serramar, mobilizados pelas diversas experiências trocadas durante os dias de encontro, definiram como encaminhamento, a construção de um projeto piloto de feira orgânica, que contemplasse os agricultores de todo o Núcleo e oferecesse uma ampla e diversificada oferta de alimentos orgânicos a um preço justo.

Foi criada uma comissão que se responsabilizou pelo processo organizativo da feira. Inicialmente apresentou-se a proposta em uma reunião do Núcleo Serramar, momento no qual houve diálogo entre os membros acerca de experiências de feiras e outras experiências já consolidadas, em especial na região, e daquelas que não haviam sido bem sucedidas. Diversos fatores foram apontados como limitantes para o funcionamento desses espaços, tais como: pessoas para o trabalho na feira - uma vez que, inicialmente, os agricultores não queriam essa função, mas posteriormente decidiram assumir; transporte dos produtos até o local de venda; destino dos excedentes não vendidos ao fim do dia; manutenção da regularidade na oferta dos produtos; consolidação do espaço, uma vez que outras experiências não se mantiveram; entre outros. Outros aspectos foram trazidos como potencialidades, como, o crescente número de consumidores interessados em adquirir produtos orgânicos direto da agricultura familiar, a quantidade e diversidade de alimentos produzidos pelas famílias do Núcleo e as facilidades para implantação desse espaço que estavam se apresentando em função da parceria com entidades públicas.



No início, o processo de implantação, ocorreu a partir da articulação de alguns atores sociais vinculados ao Núcleo Serramar e a entidades de extensão rural da região, como Epagri e Secretaria da Agricultura do município. Essa relação entre as instituições e a convergência de intenções das partes em formar um espaço de comercialização de produtos orgânicos, facilitou em alguns pontos o processo de implantação da feira, em especial em relação à agilidade nos trâmites burocráticos feita por parte da Secretaria da Agricultura. Por parte da Epagri houve o fornecimento do espaço físico para as reuniões iniciais e assessoria para a estruturação. Destaca-se, porém, que a capacidade de agência (LONG, 2001) do Núcleo Serramar enquanto ator social tenha sido fundamental para a construção do espaço. Através da ação conjunta entre agricultores e técnicos-extensionistas que compõem o Núcleo que vislumbraram na iniciativa uma oportunidade de geração de renda para as famílias e de promoção da agroecologia na região.

## Resultados

Atualmente, a Feira Orgânica e da Agricultura Familiar de Criciúma (Figura 1 e 2) está completando dois anos, envolve seis famílias e funciona duas vezes por semana. Estima-se que atenda cerca de 2 mil consumidores. Destaca-se que no período de implantação, apenas uma das agricultoras se envolveu na organização dos aspectos para o funcionamento da feira, tais como, organização da estrutura, vendas, financeiro, controle do estoque. No entanto, ao longo do processo de sua consolidação, os demais agricultores foram se apoderando e se empoderando, “tomando as rédeas”, modificando e aprimorando regras e estruturas iniciais, de acordo com suas necessidades, dos consumidores e da própria feira. Desse modo, a feira passou a ser autogestionada pelos agricultores.



**Figura 1 e 2.** Feira orgânica e da agricultura familiar de Criciúma, Santa Catarina.

Nesse espaço, comercializa-se uma diversidade de hortaliças e frutas, de acordo com a sazonalidade, além de outros produtos processados, tais como: farinhas, vinagre, arroz, mel, sucos e polpas, doces e geleias. Em relação à panificados, ovos, leite e queijo existem dificuldades em sua comercialização em função de questões relacionadas às normas sanitárias. Diversos autores trazem à tona as limitações impostas pela legislação sanitária brasileira à produção e comercialização de



alimentos processados artesanalmente, oriundos da agricultura familiar (PREZZOTO, 2005; CRUZ; MENACHE, 2014).

Os agricultores que trabalham na feira, também vendem em outros canais de comercialização. Dessa forma, inserem-se em pelo menos duas das categorias de cadeias curtas de comercialização (DAROLT *et al.*, 2016), a “face a face”, com a venda na feira e em suas propriedades, e as de proximidade espacial, com a venda para supermercados da região, empresas de cestas, além da participação no PNAE. Darolt *et al.* (2016) em estudos comparativos de cadeias curtas no Brasil e França, também observam esse acesso múltiplo à canais de comercialização.

Em relação aos produtos, inicialmente fez-se um diálogo para decidir se seriam oferecidos apenas alimentos produzidos pelos próprios agricultores feirantes e do núcleo, ou se a feira traria também produtos de outras regiões. Uma vez que no âmbito do Núcleo Serramar, até aquele momento ainda não havia a presença de agroindústrias familiares formalizadas com a certificação orgânica, acordou-se que deveriam ser buscados em outros lugares esses itens, de forma a atrair e consolidar uma clientela na feira. Dessa maneira os produtos processados oferecidos foram provenientes de outras regiões, optando-se, porém, por oferecer aqueles certificados no âmbito da Rede Ecovida, como forma de valorização e fomento aos circuitos de comercialização da Rede. Percebe-se aqui que a feira também se insere no terceiro tipo de cadeia curta, a espacialmente estendida, especialmente ligada ao selo da Rede.

O espaço da feira é compartilhado entre os agricultores de forma bastante intensa, e isso requer a negociação constante entre as partes e a construção de normas e instituições que contribua na regulação desse espaço de uso comum (OSTROM, 1990). Nesse contexto, as famílias desenvolvem diferentes estratégias de comercialização (rodízio, trocas e venda intercalada de produtos), venda centralizada (apenas um caixa); organização (todos participam na montagem, desmontagem e das vendas) e reciprocidade (troca de produtos e vendas à menor preço entre si), visando à facilitação do trabalho e convivência. Todo esse funcionamento requer um comprometimento mútuo entre as partes, respeitando os arranjos criados e criando novos, sempre que necessário.

A proximidade com os agricultores e a possibilidade do diálogo sobre os alimentos, são fatores essenciais que guiam a preferência e vêm garantindo a fidelidade de diversos consumidores frequentadores da feira desde seu início. Para os agricultores, apresentar seu produto, falar de sua propriedade e do modo como cultivam é um momento de satisfação e de valorização ao seu trabalho e modo de vida, o que não ocorre em outros espaços de comercialização. Essa realidade demonstra a formação de relações de proximidade entre os agricultores e consumidores, permeadas por valores aquém apenas do viés econômico, englobando questões de reciprocidade e confiança, característica das novas Redes Agroalimentares Alternativas que privilegiam as cadeias curtas de comercialização.



Para os agricultores, a feira tem sido espaço de ampliação de autonomia financeira e produtiva. A autonomia produtiva se dá pela liberdade de uma produção mais diversificada, enquanto que a financeira é promovida pela garantia e até aumento na renda. Vale ressaltar a ampliação das redes sociais proporcionada pela feira, resultando na ampliação nos dias de ocorrência (de 01 para 02 vezes na semana) e da participação em outros espaços, em resposta a mobilização dos consumidores.

Na feira expressam-se relações de reciprocidade observadas nos valores de confiança mútua, estabelecidos ao longo desses dois anos entre os próprios agricultores, e entre esses e os consumidores. Esses últimos confiam na qualidade e autenticidade dos produtos que estão sendo oferecidos, confiam que o preço é estabelecido de forma justa e ainda que possam contar com a regularidade da feira e de alimentos ali oferecidos. Na outra ponta, os agricultores têm a confiança de que todas as semanas seus produtos serão escoados e que receberão um valor monetário justo. Além disso, sentem-se valorizados sempre que consumidores elogiam seus produtos ou que indicam o espaço da feira para outros consumidores. Como já mencionado anteriormente, as trocas afetivas, de conhecimentos e até de outros produtos, também estão presentes: entre os agricultores e alguns consumidores, criaram-se relações de amizade, inclusive levadas para outros espaços além da feira; informações, receitas, técnicas e produtos ligados à agricultura e alimentação circulam naquele espaço que além de físico é também simbólico.

## **Agradecimentos**

Os autores agradecem às famílias agricultoras integrantes do Núcleo Serramar que compõem a Feira Orgânica e da Agricultura Familiar de Criciúma, aos consumidores e instituições parceiras.

## **Referências bibliográficas**

CRUZ; F. T; MENACHE, R. Tradition and diversity jeopardised by food safety regulations? The Serrano Cheese case, Campos de Cima da Serra region, Brazil. **Food Policy**, v.45, p. 116-124, 2014.

DAROLT, M. R. *et al.* Redes Alimentares Alternativas e novas relações produção-consumo na França e no Brasil. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 19, n.2, p. 1-22, 2016.

LONG, N. **Sociología del desarrollo**: una perspectiva centrada en el actor. México: Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social, El Colegio de San Luis, 2001.

OSTROM, E. **Governing the commons**: the evolution of institutions for collective action. New York: Cambridge University, 1990.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.

**XI CBA**  
**Congresso**  
**Brasileiro de**  
**Agroecologia**  
Ecologia de Saberes:  
Ciência, Cultura e Arte na  
Democratização dos  
Sistemas Agroalimentares



PREZOTTO, L. L. **A sustentabilidade da agricultura familiar**: implicações e perspectivas da legislação sanitária para a pequena agroindústria. Fortaleza: Fundação Ronrad Adenauer, 2005.